



E por fim... mataram o rei!



A LA GAUCHE

**ALEXANDRE
MEDEIROS**

EDUCADOR

A 1 de Fevereiro, assinalou-se mais um aniversário da morte do Rei D. Carlos I e do seu filho primogénito, Luís Filipe. Ambos foram assassinados naquele primeiro sábado de Fevereiro, do ano de 1908, em plena Praça do Comércio, na cidade de Lisboa.

O saudosismo monárquico evoca a efeméride com cerimónias religiosas e demonstrações de indignação perante o regicídio. Também nos Açores a data não passou ao lado – a “Real” Associação da Ilha Terceira lá mandou celebrar uma Missa na Sé, em memória do penúltimo rei de Portugal e do seu filho que não chegou a subir ao trono.

Mas Carlos de Bragança terá sido mesmo um Mártir da Pátria? Será a sua morte trágica apenas uma conspiração republicana e maçónica para derrubar a monarquia em Portugal?

Ou, por outro lado, as “más” políticas do monarca e a sua atitude eminentemente autocrática não o conduziram para o inevitável – o regicídio?

Estou em crer – calma, é apenas a minha opinião – que o assassinio de D. Carlos surge como uma consequência da sua postura enquanto rei de Portugal!

Ora vejamos:

- É no seu reinado que se dá o “Ultimato Inglês” – que se traduz na humilhação da “glória” portuguesa e numa “partilha”

dos territórios ultramarinos com a Inglaterra – e a classe dirigente do País nunca perdeu a D. Carlos esse real fracasso;

- Dois anos após a sua subida ao trono, em 1889, o monarca tem que lidar com a tentativa de revolução ocorrida no Porto a 31 de Janeiro de 1891 – e se, desta vez, a implantação da República em Portugal não passou de um pesadelo, o certo é que a “revolução” serviu para popularizar as

ideias e os valores republicanos por todo o país;

- Carlos foi rei num tempo marcado pela crise política e económica: nomeava e despedia governos em cada seis meses e, aconselhado pelo “admirável” João Franco, teve a infeliz ideia de dissolver o Parlamento, implantando a ditadura em Portugal.

- Como se isto não fosse suficiente, D. Carlos sempre lidou mal com a oposição – chegando ao limite de assinar o decreto franquista, que destinava ao exílio nas colónias todos os seus opositores;

Por tudo isto, é fácil concluir que as mortes do rei e do seu herdeiro foram uma consequência da danosa governação de Carlos I de Portugal.

Apesar de lhe reconhecer inúmeras capacidades nos campos intelectual, artístico e diplomático – foi no seu reinado que a corte lisboeta viveu os últimos “moments of glory”, com as sucessivas visitas de reis, rainhas e presidentes – não consigo olhar para o regicídio como um martírio pela Pátria, como o testemunho de alguém capaz de oferecer a sua vida pelos valores, pela história e pelo Povo de Portugal.

Contrariando muitas opiniões avalizadas, ousou dizer que a República foi implantada em terra lusitana, porque os seus valores e as opções políticas e sociais que os seus ancestrais defensores anunciavam foram capazes de suplantar uma monarquia em decadência – um regime obsoleto que se esqueceu das pessoas e dos ideais e apenas valorizava a aparatosa corte e as suculentas caçadas de Vila Viçosa. ||

“ D. Carlos sempre lidou mal com a oposição – chegando ao limite de assinar o decreto franquista, que destinava ao exílio nas colónias todos os seus opositores...”

alagauche@gmail.com